

O NEORREGIONALISMO BRASILEIRO SOB A ÓTICA DA AUTONOMIA DAS PERSONAGENS FEMININAS EM *FOGO VERDE*, DE PERMÍNIO ASFORA

Herasmo Braga¹

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a caracterização neorregionalista da obra *Fogo Verde*, de Permínio Asfora (2003), em observância de um dos seus elementos configuradores que é a autonomia feminina. A presente análise caracteriza-se, essencialmente, como bibliográfica. Utilizando-se como base os seguintes autores: Franklin Oliveira (1991), Antonio Candido (2000) e Herasmo Brito (2017). Buscou-se, primeiro, a fundamentação necessária para caracterizar essa nova tendência literária brasileira. Em seguida, realizamos a análise da obra *Fogo Verde* diante da autonomia feminina para configurá-la como obra pertencente ao Neorregionalismo Brasileiro.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Neorregionalismo; Autonomia Feminina; Narrativa; História Literária

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar la caracterización neorregionalista de la obra *Fogo Verde*, de Permínio Asfora (2003), a partir de la observación de uno de sus elementos configuradores, la autonomía femenina. El presente análisis se caracteriza, esencialmente, como bibliográfica. Se utiliza como base los siguientes autores: Franklin Oliveira (1991), Antonio Candido (2000) y Herasmo Brito (2017). Se buscó, primero, la fundamentación necesaria para caracterizar esa nueva tendencia literaria brasileña. A continuación, realizamos el análisis de la obra *Fogo Verde* ante la autonomía femenina para configurarla como obra perteneciente al Neorregionalismo Brasileño.

Palabras clave: Literatura Brasileña; Neorregionalismo; Autonomía Femenina; Narrativa; Historia Literaria

O pretendo estudo visa a analisar a caracterização neorregionalista da obra *Fogo Verde*, de Permínio Asfora (2003). Iremos nos ater, especificamente, a um desses elementos, que é a questão da autonomia feminina. Os autores que iremos dialogar para esta abordagem são: Franklin Oliveira (1991), Antonio Candido (2000) e Herasmo Brito (2017).

Assinala Ian Watt (2010, p. 14), em *A Ascensão do Romance*, um ponto positivo em relação ao gênero literário nascido, em um primeiro momento, para servir como instrumento de propagação ideológica do mundo burguês. Aponta ele, em relação ao romance, ter “como função primordial dar impressão de fidelidade à experiência humana, a obediência a convenções

1 Professor Adjunto da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), de Teoria e Crítica Literária. Líder do grupo de pesquisa NENIN (Núcleo de Estudos em Neorregionalismo, Imaginário e Narratividade).

formais preestabelecidas”. Já na obra *Aspectos de um Romance*, E. M. Foster (1998) considera-o como o retrato da “vida através do tempo” em que fazem parte da composição das obras: o tempo, o espaço e o momento do eterno presente dos personagens. Portanto, deixar-se envolver pelas linhas interpretativas dos romances, acompanhando-os não somente entre as ideias e interpretações dos seus enredos, mas as marcas do tempo transitório, do espaço em mudança, das novas condições contextuais internas e externas das obras, significa elucidar alguns dilemas contemporâneos e perceber novas tendências estéticas e sociais.

Adorno, em *Notas de Literatura I* (2003), ao apontar a questão da posição do narrador no romance contemporâneo, destaca que o gênero desvinculou-se do papel propagandista burguês e passou a abordar o “mundo desencantado” que temos hoje. Saímos das condições epopeicas para as narrativas do sujeito subjetivo e individualista. Todavia, há obras que, mesmo sem o propósito heróico dos tempos de outrora, também sem evidenciar os dissabores da vida a partir de uma visão umbilista, aborda percepções e mudanças significativas no cenário social contemporâneo sem cair em um diálogo meramente referencial com um pano de realidade social refletida na obra literária em si. Assim, foram as obras regionalistas de 1930 e agora as produções neorregionalistas surgidas a partir da década de 60. É com esse intuito de análise e sob a égide de tais observações que iremos, ao nos debruçarmos sob a obra *Fogo Verde*, de Permínio Asfora, examiná-la dentro de uma nova tendência na literatura brasileira, o Neorregionalismo, observando um dos aspectos que configuram essa tendência, que é a questão da autonomia feminina. Enfatizamos que *Fogo Verde* constitui-se em uma obra por muito nos dizer e nos situar ao tempo presente, como veremos ao longo do artigo.

Importante destacarmos que o Neorregionalismo Brasileiro se configura como uma nova tendência dentro do universo literário² e cinematográfico³. A sua caracterização reside, como iremos detalhar nas linhas seguintes, na questão da autonomia das personagens femininas, na problematização do espaço com as mudanças do rural para o urbano e outras modulações de relacionamento entre o espaço e as personagens dos enredos e na questão do uso da memória como instrumento de valorização da tradição em detrimento da homogeneização da cultura formulada pela globalização hegemônica (BRITO, 2017). Essa tendência encontra-se devidamente representada em diversas obras no cenário literário brasileiro em autores como Milton Hatoum, Ronaldo Correia de Brito, Francisco Dantas, Raimundo Carrero, Assis Brasil. E o escritor piauiense Permínio Asfora também se constitui em um desses grandes autores que apresentam na sua obra traços que o configuram em meio a essa tendência.

Dentro da obra que tomamos para estudo destacamos três focos narrativos que podem ser aqui sintetizados. O primeiro é a não aceitação do namoro de Marta, filha do coronel Luís Romão, de família tradicional, com o ajudante de caixa Miguel, que trabalha no armazém de Salustiano. Por conta disso, Marta foi mandada para casa de uma tia que mora em Fortaleza e Anita, sua irmã, que devido à piora crescente da saúde da sua mãe, decorrente da tristeza de ter

2 Abordamos essas questões mais aprofundadas no livro *Neorregionalismo Brasileiro: análise de uma nova tendência da literatura brasileira* (2017).

3 Livro no prelo para ser lançado em 2018, analisando o neorregionalismo cinematográfico.

uma filha distante que não se comunica com a família, vai em busca de informações sobre Marta junto a Miguel. E, apesar do primeiro contato ríspido entre os dois, eles acabam se envolvendo amorosamente.

O outro foco narrativo advém da personagem Ricarda. Ela é filha de Bastião, que é um excelente vaqueiro de Anacleto, mas que “tinha o costume de, na hora da cachaça, investir furioso contra a mulher e a filha” (ASFORA, 2003, p. 32). E, depois de uma agressão acometida por Sebastião contra Zefa, sua esposa, e a filha Ricarda, elas resolvem fugir das suas violências e foram pedir abrigo na casa do fazendeiro Anacleto. Com o passar dos dias e o desenvolvimento do corpo de Ricardo, o fazendeiro começa a tentar seduzi-la. Só que, à medida que a narrativa se desenrola, Ricarda conhece e se apaixona por Carlos, um médico de Teresina que tinha chegado recentemente a Oeiras. E, desse relacionamento, surge a desilusão: “Quando menos se esperava Carlos regressou a Teresina. Então toda a cidade gozou do escândalo, havendo quem garantisse que Anacleto antecederia o médico. Ricarda caiu na boca do povo [...]” (ASFORA, 2003, p. 38).

Após algum tempo Ricarda recebeu notícias de Carlos através de uma carta. Nela ele “fazia um rodeio medonho para dizer que era casado e lhe mandava uns livros” (ASFORA, 2003, p. 38). E, por conta disso, Ricarda recebeu as recomendações de que ela não deveria mais morar na fazenda, e sim morar sozinha. Zefa quis acompanhar a filha, mas Ricarda preferiu continuar trabalhando e morando na fazenda até ter condições de levar a mãe para morar com ela. Só que Zefa era cada vez mais sobrecarregada com o trabalho e acabou por adoecer. Devido às dificuldades financeiras e ao agravamento da saúde da mãe, Anacleto aproveitou-se da situação, e Ricarda acabou tendo de ceder. Nessa circunstância, ela engravida de Anacleto. E a esposa de Anacleto ajuíza: “Sabem duma coisa? Quando Luís Romão faz das dele, não manda despejar na fazenda da gente?” E nessa ponderação “e com essas palavras ficou acertada a viagem de Ricarda à Fazenda São Luís” (ASFORA, 2003, p. 40). Assim, ao contrário do que muitos previam, Ricarda consegue se projetar de maneira autônoma, situação que iremos analisar com mais detalhes ao longo do artigo.

O terceiro foco narrativo, considerado o maior e o que se faz tema do livro, é o da descoberta por Valério:

– Tenho uma coisa ali para vosmicê ver – referia-se ao surrão da garupa do burro cansado, amarrado à porta.

Salustiano encaminhou-se até a calçada e apalpou o surrão enlameado:

– Que carga é essa, seu Valério?

– Tudo é ouro, meu amo – segredou Valério apertando-lhe o braço. – Tudo é ouro.

– Ouro? Bem, se for ouro, meu compadre, a gente tá podre de rico – afiançou Salu, irônico, mas pálido de emoção (ASFORA, 2003, p. 63-64).

Na realidade, não era ouro, mas pedras de cobre que Salustiano imaginava-se explorando e enriquecendo. E esse foco narrativo que entrecruza com os outros dois é desenvolvido na luta de Salustiano em comprar terras para poder explorar mais, de certificar-se da qualidade do cobre e da sua quantidade na região, de conseguir financiamento para sua devida exploração em larga escala.

Ponto importante a ser abordado nessas considerações é que o romance, ao abordar aspectos sociais dentro de suas produções, problematizando questões e vivências, não faz com que a literatura se torne um documento descritivo da realidade. A literatura, ao se aproximar do social através do gênero romance, não torna a realidade concreta presente nas obras, i.e., não faz a obra ser um reflexo do social, mas sim uma realidade refratada, representativa, em que o ponto da verossimilhança atua no sentido de potencializar as narrativas, dando-as atemporalidade e contribuindo para as formações dos indivíduos através das trocas de experiências, conhecimentos, vivências. E é com base nessas questões que analisaremos as personagens femininas Anita, Marta e Ricarda como *corpus* da abordagem da autonomia feminina e como um dos elementos configuradores do neorregionalismo brasileiro.

Interessante destacarmos a questão da oposição em relação a essa supremacia masculina por parte das personagens Marta e, principalmente, Ricarda, e, ao longo da narrativa, Anita. Essa presença da autonomia da personagem feminina nas obras do Neorregionalismo Brasileiro (BRITO, 2017) ajuda-nos a perceber que houve a ampliação da presença das problematizações sociais e também a intensificação das produções literárias brasileiras, sem conduzir, com isso, perdas nas qualidades das obras.

Analisando a literatura não só pelo prisma da verossimilhança, mas um discurso que nos auxilia na percepção do mundo, seja no passado, seja na atualidade ou até mesmo no futuro, a personagem de ficção se aproxima dos sujeitos existentes em nosso meio. Mesmo sendo uma obra criadora, as personagens, muitas vezes, são representantes ficcionais de modos de ser de pessoas reais. Assim, ao tomarmos dentro da obra *Fogo Verde*, de Permínio Asfora, as personagens femininas Anita, Marta, Catarina, Ricarda e Alzira, vê-se que não foram todas criadas a partir da força imaginativa do seu autor, mas pessoas representativas de determinados modelos sociais que passam a viger no meio social.

A personagem Marta, dentro da narrativa de *Fogo Verde*, tem sua presença marcada como mote discursivo entre as personagens. Ela foi mandada para Fortaleza devido a um namoro – não aceito pelo seu pai, Júlio Romão – com um ajudante do armazém de Salustiano, o Miguel. A descrição feita pelos personagens sobre Marta era que

Beleza, realmente, não faltava a Marta. Nem beleza nem palestra. Conversava muito, só não gostava de discutir: ao ouvir um palpite contrário ao seu, passava-se sem trabalho. Catarina assegurava que Marta era “vivedeira” (ASFORA, 2003, p. 20).

Nessa descrição, o que vai se realizar durante o decorrer da narrativa é que Marta, apesar de pertencer a um meio marcado pelo poder patriarcal, atrevia-se a ter autonomia. As mulheres que tinham seus donos não só de corpo, como também da fala e até dos seus pensamentos, não serviam de modelos para Marta. Ela buscava gozar dos mesmos benefícios pertencentes ao meio masculino, como a expressividade e o poder de escolhas.

Marta fazia frente aos desafios e não acatava de maneira submissa as condições que eram impostas a todas as mulheres, nem mesmo quando fora mandada pelo pai à casa de uma tia em Fortaleza, com o intuito de desfazer o namoro não consentido, pois “Luís Romão acredita que,

por pouco que fosse o tempo que a filha permanecesse em Fortaleza, ficaria civilizada, voltaria sabendo escolher um marido” (ASFORA, 2003, p. 25). E, apesar de Catarina, sua mãe, se opor a essa decisão do marido, acabou por acatá-la, mesmo considerando que “bastava proibição da janela, não tinha havido necessidade nem da surra de corda. ‘Remédio para moça namoradeira é fogão’” (ASFORA, 2003, p. 24). No entanto, Marta não se deu por vencida. Aproveitou o retiro forçado para se desbravar e conhecer o mundo. Partiu, sem avisar a família, para o Rio de Janeiro. E esse traço de autonomia de Marta inquietava a todos.

Marta era tida como insubordinada. E todos sabiam que “Marta não suportava que se intrometessem em sua vida. ‘Cada um gosta de fazer o que lhe dá na telha’, – disse uma vez a Ricarda” (ASFORA, 2003, p. 46). E essa autonomia era um dos grandes motivos de preocupação, como atesta sua irmã Anita: “Marta, aquela cabeça de vento, dava desgosto à mãe. Que não iria pintar no Rio? Num domingo em que Marta adoecera, a Catarina procurou aconselhá-la: ‘você caçoa da vida, leva tudo na brincadeira’” (ASFORA, 2003, p. 45).

Na realidade da narrativa, Marta não levava nada sem a necessária seriedade. Como observou Ricarda:

“Pra Marta, conselho não adianta” – observava Ricarda. Um dia Catarina, renitente, advertiu ser necessário encarar a vida seriamente. Marta respondeu: “Faz de conta que a senhora é a vida” – e inchou as bochechas, crescendo os olhos azuis. Estourou na risada (ASFORA, 2003, p. 45-46).

Assim, o que de fato existia era que ela não se submetia ao poder em que só o macho impera e tem vez. Ela levava a sua vida na exploração da sua juventude, na vontade de conhecer o mundo. Não se resumia ao destino em que todas as mulheres se destinavam a casar, cuidar da casa, dos filhos e do marido, i.e., viver em função do homem e da sua prole.

Marta não idealiza uma vida a dois. Não tinha, pelos menos durante a sua juventude, o casamento como princípio único da vida. Não morria de amores por nenhum outro ser. Tinha sede de viver e se lançar ao mundo para conhecê-lo plenamente. E disso todos sabiam, até mesmo Miguel, o namorado indesejado por Luís Romão, desde quando conhecera Marta. Diz ele:

Conheceu Marta na loja, nos tempos de Salustiano solteiro. Mas o conhecimento de verdade foi na noite do casamento. Adorou a alegria de Marta. Jamais vira pessoa com tanta felicidade nos olhos. Loura, alta, os olhos serenos e azuis. Um casamento com ela não daria certo, era bela demais para cuidar de família. Mesmo, o velho Romão tinha uma propriedade grande, e ele Miguel possuía apenas a noite, o dia e a estrada (ASFORA, 2003, p. 56).

Nessa exposição de Miguel, já se percebia que Marta não se comportava para ser uma simples mulher caseira, restrita ao lar e à família. Ela despontava uma alegria, uma força de se desbravar diante do mundo latente. E ela não seria jamais feliz se não fosse realizando esse sentimento.

Já Anita não era bem assim. Parecia-se muito mais com Catarina, sua mãe, na aceitação da ideia do macho poder. No entanto, ao longo da narrativa, ela vai passando por transformações, motivada pelas leituras que a despertavam cada vez mais para não aceitação do autoritarismo patriarcal reinante. E essa intensificação de leitura aguçava mais ainda o seu senso crítico. E as mudanças foram ocorrendo de maneira até mesmo imperceptível entre todos da casa:

Anita gostava de ler à noite, mas de um mês para cá aproveitava a manhã dos domingos, e, na hora da missa, grudava-se aos novos livros que lhe vieram de Oeiras. Teve muito que argumentar contra o coronel Luís Romão até convencê-lo de que aos domingos sentia preguiça de acordar cedo para ir rezar. Enquanto vivesse na dependência do pai haveria aquela obrigação de prestar conta de tudo. Aliás, não podia negar-lhe certa evolução: antigamente bastava o coronel vê-la folheando um livro para querer botar a casa abaixo. Nos últimos dias Anita vinha se interessando por Aluízio de Azevedo (ASFORA, 2003, p. 12).

Essas obras de Aluízio de Azevedo eram mandadas por Ricarda e contribuía para o despertar de Anita diante dessa injustificável supremacia histórica do homem, em que à mulher só cabia o papel de coadjuvante. Observação interessante é que Anita também se inquietava com algumas coisas do pai, mesmo sendo uma filha obediente. Daí a capacidade de compreender a irmã Marta, pois, como diz o narrador, “que entendia Luís Romão de amor?” (ASFORA, 2003, p. 28). Com essa passagem, Anita expressa a sua alteridade em relação à irmã, o entendimento dos seus vários porquês: de namorar quem o pai não queria, de aproveitar a distância do poder repressor do pai para se lançar na satisfação do desejo de conhecer o mundo.

Todavia, isso não foi só despertado pelas leituras, mas provavelmente pelos novos contextos sociais e históricos em que passava a figura da mulher, com o exercício de novas representações.

Podemos perceber isso na defesa que Anita faz de Ricarda, mesmo sem conhecê-la, ao condenar o pai por isolar uma mulher em um casebre no meio do mato só porque ela estava grávida de um homem casado – que, no caso, seria do seu irmão: “O que o senhor está fazendo com a moça não se faz com cachorro. Onde já se viu pegar uma criatura de saúde e meter num rancho feito morfética ou tuberculosa, no meio dos matos, pra onça comer?” (ASFORA, 2003, p. 29). E, nesse tom de desabafo e enfrentamento, ela é espancada pelo pai. Mesmo assim, mantém-se fiel na defesa da mulher isolada até que o pai consente e Ricarda acaba por vir morar na casa da fazenda em que a família Romão residia. E disso nasceu uma forte amizade entre Anita e Ricarda.

Essas transformações de Anita vão se acentuando ao longo de toda a narrativa, como podemos perceber na seguinte passagem da obra:

Depois da ceia, Anita voltou ao copiar. Irritava-a aquela vida, a falta de um confidente. Não se tinha o que ver em Valença. Marta preparava-se para conhecer outras terras, gozar a vida no Rio e ela sem nada esperar. Até quando suportaria o sertão brabo, vacas, boiadeiros, carneiros sujos, bodes soltos na rua? Resumiam-se as festas em bailes de concertina, reco-reco e mau cheiro de suor. Brigava-se de faca em plena rua, todo mundo de cartucheira e

revólver no quarto. Havia os livros que Ricarda lhe mandava, mas que significavam os livros naquele meio de mundo, se a vida era cheia de mágoas semelhantes e feridas? Os livros davam facilidade de entender as coisas, mas alegria nenhuma (ASFORA, 2003, p. 28).

A vida para Anita, que cada vez mais desperta se tornava, menos sentido fazia em meio a tudo isso em volta. Percebia agora o mundo pequeno, provinciano, repetidor e repressor da mulher. No entanto, esse processo de percepção da realidade que a oprimia não aconteceu de imediato. Toda uma trajetória foi necessária para essa transformação. Exemplo é quando Anita se aproxima de Miguel, relutando bastante para ter notícias da irmã. A mãe Catarina achava que ela escrevia para Miguel e, portanto, ele teria notícias da filha. Mesmo sem autorização ou mesmo conhecimento por parte do marido Romão, Catarina solicita que Anita vá à procura de Miguel para saber da filha que estava distante. Anita não concorda com isso, mas acaba indo no intuito de amenizar a aflição da mãe. No entanto, ela manifesta para Ricarda que concordava com o pai ao separar Marta de Miguel. Assim, com o pensamento patriarcal de posse, considerava que Miguel tinha pretensões materiais, e não afetivas, em relação a Marta. Também não concordava com as atitudes de Marta que aproveitara a distância para se tornar cada vez mais autônoma, independente. Esses pensamentos levaram Ricarda a ponderar: “Tudo que ensinara a Anita fora perdido. Mas não abandonaria a amiga, haveria de fazê-la entender a vida nem que isto lhe desse trabalho pela existência toda” (ASFORA, 2003, p. 41). Ricarda não se conformava com a aceitação passiva de Anita das atitudes do pai:

Odiar Salu e Alzira porque tiveram a delicadeza de permitir que em sua casa Miguel conversasse com Marta! Parou de escrever, rabiscava ligeiros bilhetes que juntava aos romances. Remetera-lhe os livros de Aluizio de Azevedo, talvez o romancista tivesse força de abrir-lhe o entendimento (ASFORA, 2003, p. 41).

Devemos nos lembrar que obras como as de Aluizio de Azevedo eram consideradas indecentes para as moças de família, por isso eram leituras proibidas para elas. E quando Ricarda as propusera à amiga não tinha intuito de despertar-lhe imoralidades, mas tão somente provocar-lhe pensamentos inquietantes nos quais determinados tabus ou falas sociais que reduziam a mulher ao discurso masculino apenas de acompanhamento, submissão e cuidado do homem, da casa e dos filhos não se lhe justificassem.

A autonomia de Anita vai acontecer no decorrer da narrativa, como comprovam essas passagens na obra:

Ricarda lembra-se da facilidade de Anita em chorar. A primeira vez que apareceu no rancho derramou lágrimas uma hora, chamou-a de infeliz. Ricarda replicou: “Me chama de infeliz porque não conhece o mundo” (ASFORA, 2003, p. 42).

Nesse momento temos ainda Anita presa a sua condição discursiva social que lhe dava apenas um papel coadjuvante. A amizade com Ricarda e as novas leituras que ela fazia foram

mudando seus pensamentos e sua forma de ver o mundo. Exemplos sutis, no início da narrativa, vão nos indicando o caminho transformador de Anita, como podemos perceber neste diálogo entre ela e a mãe Catarina:

- Se você morrer, não quero ficar em cima deste mundo nem um dia. Filha que nunca me deu desgosto – disse intencionalmente.
- Marta não tem nada de ruim, mamãe. Aperrearam a bichinha demais. Só foi isso (ASFORA, 2003, p. 43).

Essa alteridade de Anita veio em decorrência da transformação que a vida, as leituras e as trocas de ideias foram causando nela, conforme visualizamos neste diálogo com Catarina:

- Se duvidarem, amanhã vou ver Miguel – cochichou Anita.
- Mas, pelo amor de Jesus, cuidado! Se teu pai souber, te mata. Basta esse negócio de viver grudada em livro. Inda ontem ele tava dizendo que foi livro que botou Ricarda a perder. Tá trabalhando até em serviço de homem.
- Coitada de Ricarda, se todo mal fosse ela... Pai quer ver a gente feito bicho. Que foi que ganhou com tanto castigo em cima de Marta?
- [...].
- A pessoa deve cuidar na vida, minha filha. Quem não olhar pra diante atrás se fica. Uma prima minha morreu de miolo mole de ler. Estudo é pra quem é forte. Se tu endoidar eu vou atrás (ASFORA, 2003, p. 45).

Observamos, no diálogo, as marcas de autonomia em Anita. Encontrar-se com Miguel na casa de Salu é superar todas as barreiras discursivas do pai em não concordar com o namoro de Marta com Miguel. Soma-se a isso a defesa da postura do modo de viver de Ricarda, que, mesmo sendo mãe solteira, não se tornou uma prostituta ou mesmo miserável. Buscou trabalho e estava muito bem em um cartório na cidade de Oeiras. Anita também tinha a leitura como uma aliada sua na compreensão do mundo ao seu redor. Com essas defesas temos a constante transformação e a consolidação da autonomia dessa personagem. Um dos pontos centrais dessa postura irá consistir na opção de namorar Miguel:

As mãos se apertaram, novos beijos. A blusa fina de Anita deixava transparecer o moreno dos seios empinados. O joelho de Miguel empurrava o dela. Não era comum se verem assim a sós, e, sempre que chegavam essas raras ocasiões, Miguel tinha vontade de possuí-la. Ficava louco, mas de repente chegava-lhe medo de não poder casar (ASFORA, 2003, p. 177).

Essa junção de Anita e Miguel comprova o grau de autonomia que a personagem feminina ganhou ao longo da obra, pois estar ao lado de Miguel, que fora o motivo de discórdia e distanciamento de Marta da família, que acabara contribuindo para que Catarina adoecesse e chegasse à morte devido à falta de notícias da filha, significava uma superação dos pensamentos do pai, que antes estavam cristalizados nela. Agora, gozava de autonomia a ponto de não só ter o

Miguel, como também não se preocupar com a ideia de casamento. A exemplo de Marta, Anita passou a não ver o casamento como única finalidade na vida de uma mulher.

Já a personagem protagonista Ricarda também goza dessa autonomia feminina desde as primeiras páginas do romance. Diante dos males causados por Cássio, ao se enamorar dela, mas não assumi-la, e das investidas chantagistas de Anacleto para tê-la que a levaram a engravidar, ao contrário do que muitos previam, Ricarda consegue se projetar de maneira autônoma: “Apesar de haver sofrido muito, Ricarda não se desesperou. A preocupação do emprego ajudou-a a se libertar das impressões. À noite esperava o sono agarrada a algum livro. Leu tudo que lhe apareceu” (ASFORA, 2003, p. 41). E essa determinação e superação é que impossibilitaram Ricarda de ter o destino que muitos apontavam para uma mãe solteira, de viver em um bordel. A despeito disso, Ricarda superou todas as dificuldades e desconfianças da cidade. Conseguiu se projetar. E no trabalho, no cartório, organizou a sua vida. Conseguiu respeito e reconhecimento de todos pela força da sua autonomia, a título do que descreve essa passagem:

Não havia drama nem festa na cidade que não estivesse à frente. As moças traziam-lhe cartas de amor para responder, rapazes passavam dias no cartório apaixonados por aquela moça que apesar de haver caído nas mãos do coronel Anacleto não ficara escravizada a ele como as outras. Nem a ele nem a ninguém. Comerciantes sacrificados confiavam nela. Muitas vezes Ricarda demorava na gaveta do cartório títulos que vinham para ser protestados. Fingia perder a chave da gaveta a fim de dar tempo ao comerciante de arranjar dinheiro (ASFORA, 2003, p. 42).

A admiração de todos por ela não tinha exceções. De todos, elogios não faltavam.

Anita se apaixonara pelas conversas de Ricarda. Aprendera que se uma moça se “desgraçava” o remédio não estava no copo de formicida. “Aquilo” acontecera a Ricarda quando ela era ainda bem moça, entretanto soube resistir ao sofrimento [...] (ASFORA, 2003, p. 29).

Outros que ainda não a conheciam, mas só de ouvir falar, como Miguel:

Das mulheres que conhecera, uma só era digna de ser amada. E essa, conhecia-a só de informações. Era Ricarda. Miguel via as cartas de Ricarda e Anita na mão de Marta. Levava-a para a rede, meditava sobre a inteligência e o caráter da moça. Como se podia, com a idade e instrução de Ricarda, pensar tão bem?

“Ricarda é uma mulher e não um objeto” – dizia consigo (ASFORA, 2003, p. 59).

Salu era outra que tinha por Ricarda a mais profunda admiração. Mesmo sem conhecê-la, Salu “falava dela com simpatia: ‘Tem um caminho e é capaz de andar sozinha’” (ASFORA, 2003, p. 59). E esse sentimento autônomo também desejava a prosperidade dos outros, como Salu, e conseqüentemente até do Estado, conforme atestado em uma notícia de jornal que recebera:

Com o descobrimento de uma mina de cobre no município de Valença, Estado do Piauí, reina profunda alegria no seio da população daquele Estado que vê o Sr. Salustiano Gonçalves uma figura à parte, uma espécie de bandeirante dos tempos modernos. O Sr. Salustiano Gonçalves é natural da florescente cidade de Sobral, tendo ido muito jovem tentar a vida nos rincões do vizinho Estado do Norte. Consta que o Sr. Salustiano Gonçalves está em vias de realizar negócio com companhias estrangeiras para explorar importantes jazidas. Aguardemos os acontecimentos que poderão modificar toda a situação econômica do afortunado Estado do Piauí.

Ricarda tinha os olhos cheios d'água, não podia ocultar a emoção (ASFORA, 2003, p. 141).

Com essa passagem percebemos como Ricarda empolgava-se com as possibilidades do desenvolvimento do Estado, além de admirar profundamente o Salustiano, que mesmo com todas as dificuldades impostas até mesmo pelo governo, dificultando a exploração das minas de cobre, lutava para superar os desafios, tal como sempre fizera Ricarda. E não é a toa que o homem para desfrutar da companhia de Ricarda, como ela própria manifestara no romance, tinha que ter as qualidades de Salu em superar todas as contracorrentes que aprisionavam qualquer possibilidade de desenvolvimento.

Observamos que os traços neorregionalistas, como a passagem do meio rural para urbano, acompanham as mudanças sociais e históricas pelas quais passa o Brasil. Assim também é a escrita, em que estão presentes traços memorialistas em relação à cultura regional que singularizam os sujeitos e fazem o espaço habitar o interior dos personagens, criando neles vínculos e relação de pertencimento com o lugar. Desse modo também se dá a cultura como resistência ao processo de homogeneização cultural global, presente na obra de Permínio Asfora.

Focamos, neste estudo, outro ponto crucial da configuração da tendência neorregionalista que foi a questão da autonomia feminina nas principais personagens da obra. Portanto, mais do que um obra neorregionalista, a produção *Fogo Verde* realiza o que Adorno (2003, p. 57) apontou como um dos parâmetros cruciais para o romance: “contar algo especial”. Sendo assim, a escrita de Permínio Asfora contribui para essas novas transformações sociais ao refratar aspectos significativos em seu enredo, fazendo com que os diálogos internos e externos da obra com a sociedade se efetive e produza transformações significativas em prol da coletividade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W., *Notas de Literatura I* São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- ASFORA, Permínio. *Fogo Verde*. São Paulo: Scortecci, 2003.
- BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. *Neorregionalismo Brasileiro: análise de uma nova tendência da Literatura Brasileira*. Teresina: EDUFPI, 2017
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- FORSTER, E. M. *Aspectos do Romance*. 2. ed. São Paulo: Globo, 1998.
- OLIVEIRA, Franklin de. *A dança das Letras*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1991.
- WATT, Ian. *A Ascensão do Romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.